O DHAMMAPADA

- A senda da verdade -

Introdução

Este documento é uma transcrição do Dhammapada (A Senda da Verdade), segundo livro da coleção "Vidyã", traduzido, prefaciado e anotado pelo Prof. Mário Lôbo Leal, edição da "Organização Simões", de 1955 (Rio de Janeiro-RJ).

Pelas anotações encontradas, parece ser o exemplar de número 393 da biblioteca da "Sociedade Budista do Brasil", datada de 15/02/1977 em um carimbo.

O exemplar utilizado para a transcrição faz parte do acervo que pertenceu a meu pai, José Palmeira Guimarães, monge Zen Budista, e que hoje chega às minhas mãos. Em diversas páginas, encontram-se anotações feitas por ele à caneta, com trechos inteiros riscados e reescritos, muito provavelmente sob a orientação de seus mestres Zen.

Tomei a liberdade de substituir algumas palavras do texto por sinônimos mais atuais, de modo a tentar melhorar um pouco a leitura, bem como excluir o prefácio e as anotações, deixando somente o texto na íntegra. O texto, acredita-se, é uma compilação dos ensinamentos saídos da boca do próprio Buda Shakyamuni, o Iluminado, registrado e compilado nessa obra que passa de geração em geração, há mais de dois mil anos, contribuindo para a realização d'O Caminho.

Por este motivo, acreditando na total ausência de necessidade da preocupação com direitos intelectuais, ousei publicar a obra sobre o selo do Creative Commons, tornando este documento um bem comum, aberto, gratuito, público e livre.

Possamos ser pedras da estrada que conduz pelo Dhammapada. Tomo refúgio no Buddha, no Dharma e na Sangha. Gratidão.

Pedro Guimarães (tigreped@gmail.com),
João Pessoa-PB, 2013.

I - Versos gêmeos (Yamakavaggo)

1 - É a mente, em tudo, o elemento primordial. A mente é predominante. Tudo da mente provém. Se com maus pensamentos o homem fala ou age, segue-o tão de perto o sofrimento como a roda vai após a pata do boi que puxa o carro.

2 - É a mente, em tudo, o elemento primordial. A mente é predominante. Tudo pela mente se faz. Se com mente purificada o homem fala ou age, acompanha-o tão de perto a felicidade como a sua inseparável sombra.

3 - "Ele me insultou. Ele me maltratou. Ele me rebaixou. Ele me roubou." Nunca se acalma o ressentimento e o ódio aos que a tais pensamentos dão acolhida.
4 - "Ele me insultou. Ele me maltratou. Ele me rebaixou. Ele me roubou." Não há ressentimento nem ódio para os que jamais dão guarida a tais pensamentos.

5 - Em verdade pelo ódio não se destrói o ódio. Destrói-se o ódio pelo amor; é esta uma verdade eterna.

6 - Esquece-se a maior parte dos homens de que todos, um dia, morreremos. A luta suaviza-se para os que nisso meditam.

7 - Quem nos prazeres materiais se deleita e cujos sentidos são insubmissos; quem é na alimentação intemperante, preguiçoso, inativo, este, à verdade, por Mâra é abatido, como pelo vento o é o fraco arbusto.

8 - Contra quem não vive apenas para os prazeres, e cujos sentidos se submetem à razão, e na alimentação é temperante, vive cheio de fé e constante; contra tal, em verdade, Mâra pode tanto contra o rochedo o vento.

9 - Indigno é de usar o hábito amarelo aquele que de suas impurezas não se libertou, que carece de moderação e lealdade e que não alcançou o domínio de si mesmo.

10 - Mas quem se purificou, e permanece firme na virtude, que tem o domínio de si mesmo e cultiva a temperança e a verdade, este é, de fato, digno de envergar o hábito amarelo.

11 - Enquanto tomarmos pela verdade o erro e pelo erro a verdade, teremos uma mente falsa, não alcançaremos a verdade, e só vãos desejos possuiremos.

12 - Mas reconhecendo por justo o que justo é, e por falso o que falso é, à verdade chegaremos e justos desejos pretenderemos.

13 - Como em casa cujo teto está avariado entra chuva, assim no ânimo instável penetra a cobiça.

14 - Como em casa bem coberta de palha a chuva não penetra, assim em ânimo equilibrado não entra a paixão.

15 - Lamenta-se, neste mundo e no outro, o malfeitor. Em ambos os estados se lamenta. Diante dos frutos amargos de seus atos, geme e aflige-se.

16 - Neste mundo e no outro quem procedeu bem é feliz. É feliz, aqui e lá, diante da pureza de suas obras. Ele se alegra e se rejubila ao colher os frutos doces de suas boas ações.

17 - Quem o mal faz, sofre neste mundo e no outro. Sofre em ambos os estados. Persegue-o o pensamento do mal praticado; e o seu tormento ao entrar as esferas do mal aumenta ainda.

18 - Quem faz o bem é feliz neste mundo, é feliz no vindouro, é feliz em ambos os estados. Reconforta-o o pensamento do bem realizado. Ao entrar nos círculos dos devas (seres celestes), maior é ainda sua felicidade.

19 - Falar o homem da Doutrina sem agir de acordo com ela, é apenas melhor que o vaqueiro que só sabe contar o gado alheio. Não é ele discípulo do Bendito.

20 - Falar o homem pouco da Doutrina e entretanto seus preceitos praticar, rejeitando todo orgulho, egoísmo da ira e toda ilusão; se possui o verdadeiro conhecimento e a mente completamente livre de todos as amarras, se a nada deste mundo ou de outro qualquer se apegar, este, sim, é discípulo do Bendito.

II - Do recolhimento Interior (Uppamâdavaggo)

21 - É o recolhimento interior o caminho do nibbâna. É a negligência a senda do samsara. Não perecem os recolhidos. Mortos já estão os negligentes.

22 - Os que, bem fundados neste conhecimento, no recolhimento se adiantaram, nele se deleitam e no modo de vida do áriyas se comprazem.

23 - Os sensatos, meditativos, perseverantes, que lutam contra si mesmos sem tréguas, atingem o nibbâna, que é o sumo bem.

24 - Quem souber o zelo manter, ser puro em obras, proceder de modo refletido, domar as paixões, viver segundo a moral, este tal alcançará a grande vitória.

25 - Pela diligência, pelo recolhimento interior, pelo autodomínio, deve o homem esclarecido tornar-se uma ilha a qual jamais as vagas poderão submergir.

26 - Na sua insensatez entregam-se os estúpidos à negligência. Conserva o verdadeiro sábio o recolhimento interno como o tesouro mais precioso.

27 - Não vos deixeis cair na inércia, nem nos prazeres sensuais. Quem à meditação se dá, ampla messe de alegria colhe.

28 - Ao se livrar o homem recolhido da negligência, tendo escalado os mirantes da sabedoria, lá do alto olha ele para os insensatos. Com serenidade contempla as multidões aflitas, como divisa as gentes da planície o montanhês.

29 - Entre os descuidados, zeloso; entre os sonolentos, desperto; avança esclarecido, avança o sábio como corcel que deixa após si pobre rocinante.

30 - É admirado o recolhimento. A negligência é vituperada. Pelo recohlimento elevou-se Buddha à Suprema Iluminação.

31 - Move-se como a chama o discípulo que teme a negligência e no recolhimento se deleita; como consumidos vê ele em breve cair todos os obstáculos, grandes e pequenos.

32 - O bhikkhu que na reflexão se compraz, e teme a negligência, não mais pode recair. Do nibbâna ele se apropínqua.

III - A mente (Cittavaggo)

33 - Como o fabricante de flechas cuida em que sejam elas diretas, assim corrige o sábio o pensamento instável e incerto, difícil de se manter reto, difícil de guiar.

34 - Qual o peixe fora d’água, a nossa mente treme e anela por abandonar o reino dos sentidos.

35 - Difícil de governar, instável é a mente sempre em busca de prazeres. Bom é dominá-la; a mente domada traz felicidades.

36 - Que o sábio seja senhor dos pensamentos, por que eles são sutis e difíceis de agarrar e sempre à procura de prazeres; a mente bem guiada traz felicidade.

37 - Errando ao longe, solitária, inconsistente e oculta no recesso do coração, tal é a mente. Quem chegar a submetê-la liberta-se dos vínculos de Mâra.

38 - Aos espíritos instáveis, ignorantes da verdadeira lei, e carecentes de serenidade, a sabedoria não chega em sua plenitude.

39 - Não tendo pensamentos agitados, nem a mente turbada pelo desejo, se não mais se inquieta com o bem e o mal, tal ser bem desperto desconhece o temor.

40 - Sabendo-se ser o corpo frágil como um vaso, e fortificando a mente como uma cidadela, ataquemos Mâra com o gládio da sabedoria, e conservemos com zelo o vencido pela constante vigilância.

41 - Não tardará muito e este corpo jazerá por terra abandonado, privado de entendimento como um bordão, mas não perecerão as consequências de nossos pensamentos, palavras e ações.

42 - O inimigo fere o inimigo, o que odeia fere o que o odeia, pior ainda é o mal causado pela mente mal aplicada.

43 - Pai, mãe, nenhum parente nos tornará tão felizes como a mente bem dirigida.

IV - As flores (Pupphavaggo)

44 - Quem dominará este mundo e o reino de Yama(a morte) com suas divindades? Quem saberá reunir as estrofes do Sublime Ensino como ramalhetes de flores?

45 - O discípulo dominará este mundo e o reino de Yama com suas divindades; o discípulo saberá reunir habilmente as estrofes do Sublime Ensino como quem tece grinaldas de flores.

46 - Aquele que julga ser o corpo efêmero como a espuma e ilusório como a miragem, desviará a flecha florida de Mâra e não verá o rei da morte.

47 - O homem que se dedica a colher prazeres como flores é agarrado pela morte, que o puxará como a inundação arrasta a aldeia adormecida.

48 - O que colhe avidamente as flores do prazer é surpreendido pela morte antes mesmo da saciedade.

49 - Que o sábio viva em sua aldeia como a abelha recolhe o néctar sem prejudicar a cor e o perfume da flor.

50 - Não vos ocupeis das ásperas palavras alheias nem de seus atos, nem tampouco de suas omissões. Sede antes conscientes dos próprios atos e das próprias negligências.

51 - Semelhantes a belas flores coloridas, fulgentes e inodoras são as palavras eloquentes dos que falam mas não agem.

52 - Semelhantes a belas flores fulgentes e perfumosas são as palavras cheias de senso e frutuosas dos que falam e agem.

53 - Como um punhado de flores pode fazer quantidade de capelas, assim por um só mortal muitas boas ações devem ser praticadas.

54 - O odor das flores, do sândalo, do incenso ou do jasmim não domina o vento; mas o perfume da sabedoria sobrepuja o vento. Por toda parte espalha o homem santo o olor da virtude.

55 - Muito acima do aroma do sândalo, do incenso, do lótus ou do jasmim, reina o perfume da sabedoria e da bondade.

56 - Fraco é o perfume do incenso e do sândalo comparado ao da sabedoria que ascende até as mais altas divindades.

57 - No que tange aos seres de recolhidos constantemente e libertadores pela soberana sabedoria, Mâra ignora o caminho por eles seguido.

58/59 - Como o lírio perfumado cresce e floresce no lodo, à beira do caminho, assim o discípulo do Sublime Iluminado brilha pelo saber entre a multidão dos cegos deste mundo.

V - O insensato (Bâkavaggo)

60 - Longa é a noite de quem perde o sono; longo é o caminho para quem está cansado; longa é a série dos nascimentos e das mortes dos insensatos, presos à ilusão dos desejos e desconhecedores da verdadeira lei.

61 - Não encontrando o peregrino quem lhe seja melhor ou igual, que ousadamente ele continue o caminho, solitário. Não há sociedade com o estúpido.

62 - “Esses filhos são meus, essas riquezas são minhas”. Tais são os pensamentos atormentadores do insensato. Ele não é senhor de si mesmo; muito menos lhe pertencem filhos e riquezas.

63 - O estúpido que conhece sua ignorância, nisso é, pelo menos, sábio. Mas o insensato que se julga sábio, este sim é verdadeiramente um tolo.

64 - O estúpido convivendo com o homem sábio, mesmo durante toda a vida, ignora tanto o caminho da sabedoria como a colher o gosto da sopa.

65 - O homem inteligente tratando um só minuto com o sábio conhecerá de pronto a verdade, como a língua sente o sabor da sopa.

66 - Os insensatos que acreditam serem sábios são os piores inimigos de si mesmos; amargo é o fruto que colhem de sua ilusão e más ações.

67 - Não é bom praticar obras que tragam tristezas e das quais o fruto será colhido com lágrimas e lamentos.

68 - Bem feito é o ato que não produz nenhum arrependimento e cujo fruto é colhido com alegria e júbilo.

69 - “É doce como o mel”. Assim pensa o ignorante do mal feito que ainda não amadureceu; mas quando o mal frutifica, então sofre por isso.

70 - Alimente-se o insensato durante meses de erva kuxá, e nem por isso igualará a décima sexta parte dos que se nutrem de verdade(árahans).

71 - Não se muda de repente o mal feito como o leite que se coagula. Como centelha sob cinzas, um belo dia o mal irrompe sobre o tolo.

72 - Logo que a vã ciência do insensato dá fruto, então se acaba a sua felicidade.

73 - Vêem-se tolos buscar falsa reputação e o primeiro lugar entre os discípulos. Privilégios nos mosteiros e o respeito do povo da vizinhança.

74 - “Que seculares e religiosos me julguem perfeito, e se submetam às minhas menores ordens”. No ápice do orgulho assim pensa o tolo.

75 - Existe uma via conducente ao samsara, outra há que leva ao nibbâna. Sabedor disto, o bhikkhu, o discípulo do Supremo Iluminado, esforça-se na vigilância para sua libertação, não aspira às honras, mas volta-se à solidão.

VI - O sábio (Panditavaggo)

76 - Considera quem te repreende os defeitos como se ele te desvendasse tesouros. Liga-te ao sábio que te reprova os erros. Quem isto faz, torna-se melhor, não pior.

77 - Evita o mal, domina e foge de tudo o que não for bom. Isto desagradará aos insensatos, porém agradará aos sábios.

78 - Não tenhas por amigos os obreiros do mal ou os de alma vil. Ajunta-te aos bons, busca a amizade dos melhores dentre os homens.

79 - Quem bebe da fonte da Doutrina, vive feliz com ânimo sereno. Alegra-se sempre o sábio com a Doutrina ensinada belo Buddha.

80 - Os aguadeiros conduzem a água para onde querem. os fabricantes de flechas modelam-nas; os carpinteiros trabalham a madeira; os sábios a si mesmos vencem.

81 - Tal a rocha não abalada pelo vento, o sábio não é atingido nem pela injúria nem tampouco pelo elogio;

82 - Assim, o sábio, depois de penetrado pela Doutrina, se torna plácido como lago profundo, sereno e tranquilo.

83 - Por onde quer que os verdadeiros sábios andem não são sedentos de prazer. Tocados pela dor ou pela alegria, neles alteração nenhuma se vê.

84 - Para o próprio bem ou para o alheio, não deseja o sábio filhos, fortuna ou mando. Não funda o próprio êxito na falência alheia. Ele é dotado de virtude, de inteligência e de justiça.
85 - Poucos homens há que alcançam a outra margem. A maioria vai e vem sem ousar atravessar.

86 - Mas os que ouviram e vivem a expressão perfeita da Doutrina, qualquer que seja a dificuldade da travessia, vencem o domínio da morte.

87 - Abandonará o sábio os caminhos tenebrosos e seguirá os luminosos. Deixará o lar pela solidão buscando aí os prazeres que lá pareciam ausentes.

88 - Extinta a sede dos desejos e o apego às volúpias, lavar-se-á o sábio de todas as imundícies da mente.

89 - Aquele, cujo espírito está treinado em todos os graus do saber (discernimento da verdade, energia, alegria do verdadeiro, serenidade, concentração, equanimidade) e desapegado de tudo, se compraz na renúncia; cujos apetites foram subjugados e está inundado de luz, este, mesmo aqui no mundo, atinge o nibbâna.

VII - O venerável (Arhat)

90 - Não mais sofrimento minou sua viagem, abandonou todo cuidado, libertou-se de todos os grilhões, rejeitou todos os apegos.

91 - Bem resoluto ele parte, não mais lhe basta sua morada. como os cisnes ao abandonarem o lago, deixa ele após si a casa, o lar...

92 - De quem nada possui, que só tomará o alimento estritamente necessário, e percebeu a vaidade do sávulo, é tão difícil de seguir a rota como um pássaro voando.

93 - De quem perdeu o desejo e as ilusões da vida, que pouco se lhe dá alimentação e se embriagou de espaço e liberdade, é tão difícil de seguir o rumo como o dum pássaro voando.

94 - Os próprios devas invejam aquele cujos sentidos foram domados(como o são os cavalos pelos cavaleiros), que se purgou de todo orgulho e se libertou das concupiscências.

95 - O cumpridor do dever é impassível como a própria terra. Firme como uma coluna, transparente como o lago sem limo; o ciclo de suas vidas terminou.

96 - Tranquilos são os pensamentos, palavras e obras do que se libertou e chegou à calma, pela perfeição da sabedoria.

97 - É o mais excelente de todos os homens quem não tem a fé cega porque conhece o não criado, quem rompeu todas as cadeias do mundo, destruiu todo elemento de novo nascimento.

98 - Quer vivam os homens veneráveis (árahants) numa choupana, num bosque, na planície ou sobre a água profunda, é sempre agradável com eles convive.

99 - Deliciosas são as florestas desdenhadas pela multidão; aí acha deleite o homem venerável e sem paixões, porque não busca os prazeres.

VIII - Os milhares (Sahassavaggo)

100 - Melhor que mil palavras sem senso é uma só palavra razoável capaz de trazer paz ao ouvinte.

101 - Melhor que mil versículos carecentes de sentido é um único versículo lógico podendo dar paz ao ouvinte.

102 - A cem versículos desprovidos de senso é preferível um só versículo da Doutrina que dê paz ao ouvinte.

103 - O maior dos conquistadores não é o que, em batalha, vence milhares de homens; mas sim, o vencedor de si mesmo.

104 - A vitória alcançada sobre si mesmo é mais importante do que a obtida sobre todos os povos.

105 - Não existe potência humana ou divina em todo o Universo que possa trocar tal vitória em derrota.

106 - Se mês após mês e durante um século, se oferecerem sacrifícios aos milhares, e num único momento se presta culto a um ser penetrado de sabedoria, esta única homenagem vale mais que tais inúmeros sacrifícios.

107 - Se um homem, durante cem anos, mantiver a chama no altar de Ágni e, por outro lado, tender um só instante honra a alguém que domou os instintos, esta breve homenagem vale mais que a longa devoção.

108 - Quaisquer que sejam os sacrifícios e oblações que possa alguém oferecer no decurso de um ano inteiro para daí auferir mérito, tudo isso não valeria mesmo um quarto que a homenagem tributada a um ser perfeito.

109 - Conquista quatro bençãos: longevidade, saúde, energia e felicidade, quem honra e reverencia os anciãos em virtude e sabedoria.

110 - Vale mais um só dia vivido na sabedoria e na meditação que cem anos passados no vício e na sensualidade.

111 - Vale mais um só dia vivido na sabedoria e na meditação que um século passado na preguiça e na inércia.

112 - Vale mais um só dia vivido na sabedoria e na meditação que cem anos passados na estupidez e na ignorância.

113 - Vale mais que um século vivido na ignorância do transitório um só dia decorrido no sentimento de que tudo nasce somente para morrer.

114 - Vale mais que um século vivido na ignorância da senda do nibbâna um simples dia passado na contemplação do caminho que conduz à imortalidade.

115 - Vale mais que um século vivido na ignorância da realidade um só dia decorrido na contemplação da Verdade Suprema.

IX - O mal (Pâpavaggo)

116 - Apressa-te para o bem, deixa atrás de ti os maus pensamentos. Fazer o bem sem entusiasmo, é ter espírito que se deleita no mal.

117 - Se alguém agir mal, evite de nisso reincidir. Que nele não se deleite. Dolorosa é a acumulação do mal.

118 - Se alguém agir bem, persevere e nisso se alegre. Bem aventurada é a acumulação do bem.

119 - Pode o malvado conhecer satisfação enquanto ainda está verde a má ação, mas, uma vez esta amadurecida, o malvado conhece a infelicidade.

120 - Pode o homem de bem passar maus dias, enquanto a boa ação ainda está verde; mas, uma vez ela amadurecida, conhece dias felizes quem faz o bem.

121 - Não subestime o mal, dizendo: “dele sempre estarei isento”. De gota em gota se enche o pote. Assim, pouco a pouco, o tolo se enche de maldade.

122 - Não superestime o bem, dizendo: “nunca o atingirei”. De gota em gota se enche o pote; assim, aos poucos, se encherá de bondade o sábio.

123 - O negociante, portador de grandes riquezas e acompanhado apenas de fraca comitiva, evita as rotas perigosas, e o homem que ama a vida evita o veneno. Procede então da mesma sorte para com o mal.

124 - Pode tocar impunemente a peçonha a mão sã e livre de ferimentos; assim também o mal deixa de atingir aquele que não o pratica.

125 - Ofender a pessoa pura, inocente e indefesa, é expor-se ao retorno da injúria como quem tivesse atirado poeira contra o vento.

126 - Certas pessoas voltam à terra; os maus vão para as esferas do níraya; os justos sobem para as esferas celestes; os libertos de todo desejo alcançam o nibbâna.

127 - Em nenhuma parte do mundo inteiro há lugar onde encontre o homem abrigo contra suas más ações; nem nos ares, nem nas profundezas do oceano, nem nos antros dos rochedos.

128 - Nos ares, nas profundezas do oceano, nos antros dos rochedos, em nenhuma parte do mundo inteiro há lugar onde o homem ache esconderijo contra a morte.

X - O castigo (Dandavaggo)

129 - Tremem todos diante do castigo; temem todos a morte. A julgar os outros por vós mesmos, não mateis, não sede causa de crimes.

130 - Tremem todos diante do castigo; a vida a todos é cara. A julgar por vós mesmos os outros, não mateis, não sede causa de crimes.

131 - Aquele que, na busca da própria felicidade, faz sofrer criaturas ávidas de felicidade, não a obterá nesta vida nem após ela.

132 - Aquele que, na busca da própria felicidade, não provoca sofrimento em criaturas ávidas de felicidade, a obterá nesta vida e na seguinte.

133 - Não dirijas a ninguém palavras pesadas; elas voltar-se-ão contra si, como quem arremessa poeira contra o vento. Cheias de sofrimento são as palavras coléricas; quem as pronunciou sofrerá o choque do retorno.

134 - Se ficares tão silencioso como o gongo quebrado, entraste no nibbâna; toda violência se aplacou em ti.

135 - Como o pastor com o báculo leva o rebanho para o pasto, assim a velhice e a morte conduzem a vida para fora de todos os seres vivos.

136 - Praticando o mal, por ignorância, o insensato esquece que acende o fogo que o queimará um dia.

137 -Fazer mal a quem não o comete, ofender quem não ofende, é expor-se cedo ou tarde aos seguintes males.

138 - Penosas dores corporais, acidentes, doenças graves, loucura;

139 - Luta com a autoridade, calúnia grosseira, perda dos parentes, destruição dos bens.

140 - Incêndio da casa. e no momento da dissolução do corpo, a passagem ao níraya.

141 - O costume de andar nu, o de ter os cabelos entrançados, o de espalhar poeira pelo corpo, o jejum, o dormir no chão, o fato de se cobrir de cinzas, as prosternações, nada disso purifica o mortal, ainda não livre dos prazeres e da dúvida.

142 - Vestido embora com apuro, se o homem cultiva a tranquilidade de espírito, é sereno, resignado, senhor de si, casto, e a ninguém faz mal, tal homem é brâmane, é asceta, é bikkhu.

143 - Há no mundo asceta tão imaculado para não merecer nenhuma censura, assim como o corcel puro sangue não merece nenhuma chicotada? Como o cavalo fogoso tangido pelo chicote, sede vivos e rápidos para a meta.

144 - Pela confiança, pela virtude, pela energia, pela meditação, pela pesquisa da verdade, pela perfeição do saber e da conduta, pela concentração, deixai atrás o grande sofrimento da vida.

145 - Os lavradores fazem regos que conduzem água. Os fabricantes de flechas moldam-nas. os carpinteiros trabalham a madeira à sua vontade. Os sábios se dominam a si mesmos.

XI - A velhice (Jarâvaggo)

146 - Que prazer, que alegria pode haver num mundo devastado pelos tormentos? Ó tu que estás envolto em trevas, não buscarás a luz?

147 - Olha esta pobre forma mascarada, esta massa de elementos malsãos, cheia de enfermidades e vãos desejos, onde nada mais resta.

148 - Esta forma frágil acabada pela velhice, que é senão ninho de doenças, de decrepitude e de corrupção? A morte é a sua vida.

149 - Que alegria pode haver ao contemplar esses ossos embranquecidos, dispersos como abóboras secas no outono?

150 - Nesta fortaleza construída de ossos recobertos de carne e sangue, moram o orgulho e o egoísmo, a decrepitude e a morte.

151 - Pelo uso são gastos os carros pomposos dos rajás. Nosso corpo tende também para aniquilamento certo, mas os ensinamentos dos sábios perduram, passando de um para o outro e não encontram jamais a destruição.

152 - Envelhece o homem ignorante, à maneira do boi; aumenta de peso, mas não de sabedoria.

153 - "Atravessei muitos nascimentos, no ciclo das vidas e das mortes, em vão procurei o arquiteto da casa. Que miséria, nascer e renascer sem fim!"

154 - "Conheço-te agora, ó arquiteto, não mais construirás a casa. Quebradas estão todas as vigas, desabou o teto. Livre está o meu espírito pois cheguei à extinsão dos desejos"

155 - Os que não observaram a disciplina conveniente, e não colheram durante a mocidade as riquezas do verdadeiro dever, perecem como velhas garças junto a lago sem peixes.

156 - Os que não observaram a disciplina conveniente e não recolheram durante a mocidade as riquezas do saber, são como arcos rotos, só tem que se lamentar das forças perdidas.

XII - O ego (Attavaggo)

157 - Se alguém ama a si mesmo, que se vigie bem. Velará o sábio um terço da noite.

158 - Começa por te estabelecer a ti mesmo no reto caminho, depois poderás aconselhar os outros. Evita assim o homem sábio as censuras.

159 - Se alguém a si mesmo se formar, seguindo os conselhos dados aos outros, então, bem dirigido, pode a outrem dirigir. Difícil é, de fato, dominar-se.

160 - Na verdade, cada qual é custódio de si mesmo; que outro guardião se poderá encontrar? Disciplinando-se a si mesmo, tem o homem guarda difícil de substituir.

161 - O mal feito por si mesmo, gerado em si, oriundo de si, esmaga o fraco de espírito como o diamante pulveriza as outras pedras preciosas.

162 - Aquele cujas más ações pululam como a parasita ao cobrir a árvore sâla, a si mesmo causa o mal que lhe desejaria um inimigo.

163 - Fácil é prejudicar e danificar. Dificílimo de cumprir é o que é útil e salutar.

164 - Dedicado às más noções, rejeita o tolo os preceitos dos Nobres Seres, dos Arhat, dos homens retos, e é comparável ao fruto da árvore Katthaka que para a própria destruição amadurece.

165 - Quando o homem age mal, é por si mesmo que é impuro. quando age bem, também por si mesmo é puro. Os estados de pureza ou impureza são criados pelo próprio homem, nada podendo ser feito para que um indivíduo purifique o outro.

166 - Que ninguém negligencie de seguir o Bem Supremo, buscando alcançar o bem de outro, mesmo se isto lhe pareça de grande valor. Percebendo claramente a melhor linha de conduta, saiba dela não se desviar.

XIII - O mundo (Lokavaggo)

167 - Não sigas a via do mal! Não cultives a preguiça de espírito! Não corras atrás de ideias falsas! Não seja dos que se atardam no mundo!

168 - Levanta-te! Não sejas negligente! Segue o ensino da sabedoria! O sábio é bem aventurado neste mundo e no outro.

169 - Segue o ensino da sabedoria, afasta-te do mal; o sábio é bem aventurado neste mundo e no outro.

170 - Se considerares o mundo com bolha de sabão, se tiveres o mundo apenas como miragem, não te alcançará o rei da morte.

171 - Vamos, olha o mundo como o carro pintado do rajá; cousa atraente para os tolos, mas que, à verdade, nada tem que valha para atrair os inteligentes.

172 - Aquele que, tendo sido negligente, se torna recolhido, ilumina este mundo como a lua ao sair dentre as nuvens.

173 - Aquele cujas boas ações cobrem o mal feito, ilumina este mundo como a lua livre das nuvens.

174 - Tenebroso é o mundo; raros são os que reconhecem o caminho e que, tal o pássaro ao escapar do laço, atingem a celeste mansão.

175 - Voam os cisnes o caminho do sol. Levitam aos ares os possuidores de poderes supranormais. Libertam os sábios do mundo depois de vencidas as perfídias de Mâra.

176 - Expõe-se a cometer todo o mal possível o homem transgressor de um só artigo da Doutrina, que profere más palavras e despreza o mundo superior.

177 - Em verdade, o avarento não chega ao mundo divino. A alegria de dar não a conhecem os tolos. Pelo contrário, muito se alegra o sábio na caridade e por isso marcha alegre para o outro mundo.

178 - Melhor vale entrar na corrente do nibbâna do que dominar a terra, atingir o céu ou reinar sobre os universos.

XIV - O buda (Buddhavaggo)

179 - Aquele cuja vitória nunca, jamais foi ultrapassada, nem mesmo igualada, o Sublime Desperto, que está na esfera a que nada pode limitar, por que pista despistá-lo, a ele que não deixa pegadas?

180 - Aquele em quem não mais há cobiça ou desejo, de que modo pode ser dirigido? Por que pista despistá-lo, a ele que não deixa pegadas?

181 - Invejam os próprios deuses aos sábios, aos despertos, aos recolhidos, que se deleitam no retiro do mundo.

182 -Difícil é conseguir nascer no estado de homem. Difícil é viver esta vida mortal. Difícil é conseguir ocasião de ouvir a verdadeira lei(Dhamma). difícil é o nascimento dos despertos, dos budas.

183 - Abster-se do mal. fazer o bem e purificar a mente. tal é o conselho dos budas.

184 - A melhor das práticas ascéticas é a indulgência e a paciência constantes. É o estado nibbânico mais perfeito, dizem os budas. Não é em absoluto um discípulo quem faz mal aos outros seres, nem se torna verdadeiro asceta(sámana) quem a outrem injuria e ofende.

185 - Não injuriar, a ninguém prejudicar, praticar a disciplina segundo a lei, ser moderado no comer, viver retirado e dar-se a altas meditações, tal é o ensino dos budas.

186 - Nem mesmo uma chuva de riquezas poderia estancar a sede dos desejos, pois são eles insaciáveis e geram a dor; eis o que vê o sábio.

187 - Para o sábio até os prazeres celestes são insípidos; o discípulo do Buda, do Desperto Supremo, só se compraz na abolição de todo desejo.

188 - Compelidos pelo medo, muitos homens buscam refúgio nas montanhas, florestas, ou perto dos bosques sagrados.

189 - Mas não é este o refúgio ótimo nem seguro. O homem que a ele se confia, não se liberta do sofrimento.

190 - Quem se refugia no Buda, no Dhamma e na Sangha, na sabedoria realizada, percebe claramente as quatro verdades seguintes:

191 - O sofrimento, a origem do sofrimento, o aniquilamento do sofrimento, e o óctuplo caminho que leva ao aniquilamento do sofrimento.

192 - Em verdade, este é o refúgio seguro, é o refúgio ótimo. Acolher-se a ele é libertar-se de todo o sofrimento.

193 - Difícil de encontrar é o homem superior, o buda. Tal ser não nasce em qualquer parte. E onde este sábio nasce, benditos são os que o rodeiam.

194 - Bendita é a aparição dos budas, bendita a difusão da lei verdadeira. Bendita a unidade da Sangha, bendita a devoção dos discípulos.

195/196 - Não há medida para o mérito do homem que reverencia os dignos de preito, a saber um buda e seus discípulos, esses libertos, esses detentores da certeza, tendo superado todos os obstáculos, tendo atravessado o rio da aflição e do desespero.

XV - A felicidade (Sukhavaggo)

197 - Entre os que odeiam, felizes somos se vivemos sem ira. No meio dos homens que odeiam, estejamos livres de rancor.

198 - Entre os que sofrem, felizes somos os que sem sofrer vivemos. Em meio aos que sofrem, sejamos livres de sofrimento.

199 - Entre os que desejam, felizes somos os que sem desejos vivemos. Em meio dos que desejam, sejamos livres de desejos.

200 - Felizes em verdade somos, nós que nada possuímos. Seremos nutridos de alegria como os deuses radiantes.

201 - A conquista gera hostilidades. Jaz na desgraça o vencido. Descansa na alegria o homem pacífico, que desdenha tanto da vitória como da derrota.

202 - Não há fogo tão ardente como a paixão nem maior pecado que o ódio. Não há miséria comparável à que causam os elementos da vida; não há beatude superior à paz do nibbâna.

203 - É a sede das paixões gravíssima doença. Causam as piores desgraças os elementos da vida que constituem a existência. Quem isto sabe de acordo com os fatos e a verdade, alcançou o nibbâna, a suprema beatude.

204 - É a saúde o maior bem, o contentamento é a melhor riqueza. O amigo fiel é o melhor parente, mas a suma beatude é o nibbâna.

205 - Ao gostar as doçuras da solidão e da paz, liberta-se o homem do sofrimento e do mal; bebe a doçura da verdade.

206 - É bom contemplar os áriyas (os nobres); viver junto deles é uma dita. Feliz o que não deita nunca o olhar sobre tolos.

207 - Tratar com tolos é comprar aborrecimentos. Viver com tolos é em todas as circunstâncias tão desagradável como conviver com inimigos. Coabitar na companhia do sábio é gozar da mesma felicidade que viver com entes queridos.

208 - Recorre, portanto, à sociedade do sábio, do douto, do erudito, do homem piedoso que está sob o jugo da verdade. Como a lua segue o caminho das estrelas, segue o exemplo do bom e do sábio.

XVI - O prazer (Piyavaggo)

209 - Dedicar-se ao que é improfícuo e não se dedicar ao aproveitável, sacrificar os verdadeiros valores à caça de prazeres, é preparar o remorso de não ter agido como os que escolheram a melhor via.

210 - Observa com serenidade, o prazer e a dor. A ausência dos que amamos é sofrimento e a presença dos que não simpatizamos é igualmente sofrimento.

211 - Deve evitar-se amar o que quer que seja, pois é mal a perda do objeto amado.Não há grilhões para os que nem apegam-se nem tampouco tem aversão.

212 - Da afeição egoísta nasce o pesar, da afeição se origina o temor. Livres de afeição não sentiremos nem pesares nem temores.

213 - Do apego do amor se origina a tristeza, do prazer vem o temor. Quem está de todo livre do prazer não tem tristezas nem temores.

214 - Da sensualidade vem a tristeza, do deleite nasce o temor. Os livres de cobiça não conhecem tristezas nem temores.

215 - Do desejo dos sentidos vem o tédio, do desejo dos sentidos nasce o temor. Os libertos de prazeres materiais, não conhecem tédio nem temor.

216 - Da cobiça vem a tristeza, da cobiça nasce o temor, quem pelos apetites não é dominado não tem tristeza nem temor.

217 - O mundo estima quem possui virtude, sabedoria e intuição, que segue a Doutrina, cujas palavras são corretas e faz o que lhe cabe fazer.

218 - Aquele que, com determinação, mantém a mente firme, que está liberto dos prazeres sensuais e vai contra a correnteza das paixões da vida terrena, está na fronteira do inefável nibbâna.

219 - Ao homem que volta de longa viagem saúdam amigos e parentes.

220 - Assim é o homem de bem acolhido ao passa deste mudo ao outro; com alegria suas boas ações lhe saúdam a volta.

XVII - A ira (Kodhavaggo)

221 - Repele a ira, derruba o orgulho, quebra todas as correntes. Quem se desembaraça dos elementos constitutivos da vida, quem a coisa alguma em absoluto se apega, fica isento do sofrimento.

222 - Qualquer que retiver a cólera impetuosa, como se para o carro em disparada, merece o nome de condutor. Os outros só seguram as rédeas.

223 - A cólera pela serenidade, o mal com o bem. Conquista a avareza pela generposidade e a mentira pela verdade.

224 - Dizei a verdade, não te entregues à cólera; dá do pouco que possuis a quem te pede; por estes três méritos aproximam-se dos deuses os homens.

225 - Os que a nenhuma criatura viva ferem, os sábios sempre donos de seus sentidos, estão em caminho da condição imperecível em que não mais padecerão.

226 - Os que passam no estudo e na vigilância os dias e as noites, com a mente voltada sempre para o nibbâna, um dia se livrarão do laço da paixão e da ilusão.

227 - Não é só de hoje, mas há muito tempo que são criticados os que se assentam em silêncio, os que falam em excesso e os que o fazem com moderação. Não há no mundo ninguém que escape à crítica.

228 - Não há, nunca houve, e jamais haverá alguém no mundo exposto só às censuras ou aos louvores.

229/230 - Se um homem for louvado pelos sábios, pelos que dia a dia o observam, pelos doutos, pelos imaculados, pelos que usam a sabedoria e a virtude como alfaia de ouro, quem então teria direito de censurá-lo? Seria apreciado até pelos seres divinos; o próprio Brahmâ o apreciaria.

231 - Guardai-vos da insubmissão do corpo. Refreai os atos. Deixando as maneiras errôneas de agir, seguí a via das ações corretas.

232 - Sede vigilantes contra a insubordinação da língua. Refreai as palavras ditas com cólera. Abandonando as maneiras errôneas de falar, seguí a via das palavras corretas.

233 - Sede vigilantes contra a insubordinação da mente. Refreai os pensamentos. Deixando de parte as maneiras más de pensar, seguí a via dos pensamentos corretos.

234 - Os sábios cujas ações são vigiadas, cujas palavras são refreadas, cujos pensamentos são domados, à verdade, tais tem perfeito domínio de si mesmos.

XVIII - A impureza (Malavaggo)

235 - Eis-te como folha seca; batem à tua porta os arautos do rei da morte. Estás às portas da morte e não tens provisões de boas obras para a jornada.

236 - Constrói então rapidamente tua ilha de refúgio. Sê prudente. Apressa-te. Extinguindo tuas impurezas e livre das paixões, entrarás na celeste mansão dos seres nobres.

237 - Terminaram-te os dias, estás em presença da morte. Não tens nenhuma pausa no caminho e não tens as necessárias provisões.

238 - Constrói rapidamente tua ilha de refúgio. Sê prudente. Apressa-te. Extinguindo tuas impurezas, libertando-se das paixões, não mais estarás sujeito ao nascimento e a decrepitude.
239 - Como o ourives refina a prata bruta, assim, pouco a pouco e de instante em instante, o homem sábio se despoja de suas máculas.

240 - Ao aparecer a ferrugem no ferro, o próprio ferro já está por ela carcomido. Da mesma sorte, do homem as más ações o levam ao infortúnio.

241 - compromete a eficácia dos mantras a falta de repetição. Compromete a solidez das habitações a falta de conservação. O vício compromete a beleza do corpo. A desatenção trai a quem medita.

242 - Para a mulher a má conduta é mancha. Para quem dá, a mesquinharia é mácula. A prejudicial disposição e ação são manchas neste e no outro mundo.

243 - Maior ainda que todas as máculas é a ignorância. Lavai=vos desta única mancha e ficarei sem mácula, ó discípulos.

244 - Fácil é a vida que leva o lascivo, o imprudente, o malicioso, o fanfarrão presunçoso, o impuro, o egoísta, o libertino e o corrputo.

245 - A vida é sempre árdua para o modesto, para o que busca o que é puro, que é desinteressado, tranquilo, íntegro, sensato e pacífico.

246/247 - Já neste mundo está destruído quem destrói a vida, diz falsidades, toma o que não lhe foi dado, cobiça a mulher alheia, e se entrega às bebidas entorpecentes.

248 - Sabe pois que é funesto não saber dominar-se. Age de tal modo que a lascívia, a cobiça e a injustiça não te exponham a interminável sofrimento.

249 - Cada qual dá segundo a fé ou o prazer. Se te enciúmas por causa daquilo que é ofertado a outrém, nem de dia nem de noite chegarás à concentração.

250 - Quem até as raízes extirpou tal sentimento de ciúme e inveja chegará dia e noite à concentração.

251 - Não há fogo comparável à paixão, nem cativeiro tal como o ódio. Não há rede embaraçada como a ilusão. Não há rio mais caudaloso que o desejo.

252 - Fácil é ver as faltas alheias, mas nosso vício é difícil de discernir. Joeiramos as faltas alheias como a palha do trigo; mas ocultamos as nossas como o astuto jogador dissimula o passe que o perderia.

253 - Ao ver sempre os defeitos alheios o crítico entrega-se ao poder crescente do desejo, ao amor desta vida, à ilusão; ele está longe da destruição das paixões.

254 - Através do ar não há caminho; não há sâmana fora da boa via. deleita-se a raça humana nos prazeres mundanos. Os tathagâtas sobrepujaram este obstáculo.

255 - Através do ar não há caminho; não há sâmana fora da boa via. Este mundo criado não é eterno, mas os budas(iluminados) que passaram para a outra margem do oceano do tempo, atingiram a eternidade.

XIX - O justo (Dhammatthavaggo)

256 - Não é justo ou usa de violência o homem que julga à pressa. O homem sábio é o que distingue o falso do verdadeiro.

257 - Quem a outrem julga com todo conhecimento de causa segundo a lei e a equidade, tal sábio, esclarecido pela Doutrina, merece o nome de justo.

258 - O sábio não é o que mais fala. É ao homem plácido, isento de cólera e temor, serviçal, valente, que se chama sábio.

259 - Não é falando muito que alguém é sustentáculo da Doutrina. Quem pouco sabe da Doutrina, mas nela pauta os atos, palavras e pensamentos, é o seu verdadeiro pilar. Este não a negligencia.

260 - Por ter cabelos brancos, um homem não é thera(ancião). "Ser velho só pelos anos que conta é ter envelhecido em vão" - diz o próvérbio .

261 - Quem possui verdade, virtude, compaixão e domínio de si mesmo, que é sem mácula e sábio, merece de fato ser chamado venerável.

262 - Ao homem que é invejoso, avarento e fraudulento nem a palavra fácil, nem tampouco a bela aparência o fazem digno de ser respeitado.

263 - Aquele em que tais disposições de espírito foram destruídas, desenraizadas, diz-se que tal homem sábio, libertado das paixões, compassivo, este sim é digno de ser resepeitado.

264 - Quanto ao homem intemperante e mentiroso, não o torna asceta a cabeça raspada. Vítima da concupiscência e da cobiça, como pode ser um sámana?

265 - O que de todo o mal, pequeno e grande, está pacificado, merece ser chamado sámana.

266 - Somente porque mendiga um homem não é discípulo. Não basta pronunciar os votos para se tornar monge. É preciso viver a Doutrina.

267 - Mas quem está acima do bem e do mal, que é casto, leva uma vida de saber e reflexão, merece ser chamado discípulo.

268 - O homem que observa o silêncio nem por isso se torna um sábio se é ignorante e insensato.

269 - Quem sabe pesar os prós e os contras e fazer a escolha, respeitando o mal e vivendo a Doutrina, merece ser chamado sábio.

270 - Quem abandona o mal, escolhendo sabiamente é sábio. Quem tem conhecimento correto dos dois mundos (este mundo e o além), por causa disso é chamado sábio.

271 - Não é áriya o homem que maltrata seres vivos. Merece ser chamado áriya quem tem piedade de todas as criaturas.

272 - Não foi pelas mortificações, nem por vasto saber, nem pela prática da meditação, nem pela vida solitária que pude atingir felicidade desconhecida aos que vivem no mundo. Sede vigilantes, ó discípulos, até atingirdes a extinção do desejo.

XX - A senda (Maggavaggo)

273 - A Óctupla Senda é a melhor senda; a Quádrupla Verdade é a melhor verdade; Libertar-se das paixões é a melhor das condições; aquele que vê e compreende é o melhor dos homens.

274 - Em verdade, esta é a Senda; não há outra que conduza à purificação dos seres. Segui esta senda e Mâra será desnorteado.

275 - Seguindo tal senda, poreis termo ao sofrimento. Esta senda, eu a descobri quando aprendi a me preservar dos espinhos da dor.

276 - De nós mesmos deve vir o esforço. Os tathâgatas só podem indicar a senda. Chegam os espíritos meditativos que seguem a senda a se livrar dos vínculos de Mâra.

277 - "São impermanentes todos os elementos constitutivos da vida". Fica-se livre da dor, uma vez que a sabedoria faz compreender isto. Esta é a senda da purificação.

278 - "São insatisfatórios todos os elementos constituintes desta vida". Fica-se à prova da dor, uma vez que a sabedoria faz compreender isto. Esta é a senda da purificação.

279 - "Todas as formas criadas são impessoais". Fica-se à prova da dor, uma vez que a sabedoria fez compreender isto. Esta é a senda da purificação.

280 - Chegado o momento de ser ativo e agir, qualquer que, jovem e forte, não cumpre o dever e ainda se entrega à preguiça; quem quer que se mostre fraco, apático, débil na vontade e nas ações, este não encontrará o caminho da sabedoria.

281 - Moderação de linguagem, vigilância da mente, abstenção de maus atos, uma vez abertas estas vias diante de si, atingirás a senda ensinada pelos sábios.

282- Pela contemplação intensa se adquire a sabedoria; pela falta de contemplação intensa se perde a sabedoria. Conhecidos esses dois caminhos de aquisição e perda, escolhe aquele em que o saber progrida e cresça.

283 - Derrubai este bosque e não uma árvore só. Dos bosques dos desejos sai o perigo. Depois de abatido este mato grosso de árvores e arbustos, então, ó discípulos, estais ao cabo de vossos sofrimentos.

284 - Enquanto não for cortada a última raiz do desejo da libido, ter-se-á o espírito cativo e tão sujeito como o novilho que ainda mama.

285 - Extirpa o desejo de ti mesmo como o lótus é arrancado no outono. Anela a senda da paz, pois o nibbâna é ensinado pelo Buda.

286 - "Durante a estação das chuvas viverei aqui, na estação fria lá; em outro lugar quando verão". Assim faz o tolo projetos no coração sem refletir que a morte em todos os momentos o espreita.

287 - E este homem que se deleita na abundância de filhos e rebanhos, cujo espírito só vive para o ganho e para a posse; agarra-o a morte e arrasta-o como o rio transbordado leva a aldeia adormecida.

288 - Nenhum refúgio se encontra junto dos filhos, do pai, ou da família. Não podem os teus oferecer-te nenhuma salvação, aos seres assaltados pela morte.

289 - Sabendo disso perfeitamente, o sábio, o homem seguro de si, logo terá livre a senda que conduz ao nibbâna.

XXI - Miscelânea (Pakinnakavaggo)

290 - Sendo bastante deixar o prazer menor para se obter o maior, esquecer-se-á o homem sábio do primeiro para levar em conta o segundo.

291 - Buscar o próprio bem estar em detrimento alheio, é envolver-se em ódio, é tornar-se escravo de rancores.

292 - Negligenciar o que deve ser feito e fazer o que se deve negligenciar, é dar-se ao aumento do desejo, orgulho e ilusão.

293 - Estar de contínuo alerta contra as surpresas dos sentidos, não procurar o que é mau, buscar com afinco o bem, é mostrar-se sábio refletido, ter dito adeus ao desejo e à ilusão.

294 - Morto o pai(o orgulho), a mãe(a volúpia) e dois reis militares(do falso saber); abandonando o reino do prazer e toda a dependência, caminha o brâmane são e salvo.

295 - Morto o pai, a mãe e dois reis militares; abandonados os cinco veículos da existência(corpo, sensação, percepção, volição, consciência), caminha o brâmane são e salvo.

296 - Os discípulos de Gotama estão sempre bem despertos. Noite e dia o espírito deles está cheio do Buda, do dhamma, do sangha e da natureza transitória de toda a forma.

297 - Alertas, bem despertos, eestão sempre os discípulos de Gotama. Dia e noite sua mente está fixa na Doutrina(dhamma).

298 - Alertas, bem despertos, estão sempre os discípulos de Gotama. Noite e dia a mente deles está fixa no sangha(comunidade).

299 - Alertas, bem despertos, estão sempre os discípulos de Gotama. Noite e dia eles se lembram natureza efêmera das formas.

300 - Alertas, bem despertos, estão sempre os discípulos de Gotama. Noite e dia sua mente se deleita na compaixão e na não violência.

301 - Alertas, bem despertos, estão sempre os discípulos de Gotama. Noite e dia eles se deleitam na meditação.

302 - É duro abandonar o mundo. É penoso viver no mundo. Rude é a vida monástica, e difícil de se tolerar é a vida de família. É penoso pôr tudo em comum, mas o vadio é atormentado pelo sofrimento.

303 - O peregrino mendicante está sujeito à dor. Ganha glória e tesouros espirituais o homem cheio de fé e de coragem. Ele é reverenciado em toda parte por onde ande.
304 - Como a cadeia nevosa do Himalaia, de longe, são reconhecidos os homens puros e sábios. Não mais visíveis são os homens perversos que as flechas disparadas de noite.

305 - Que se deleite com a vida solitária das florestas o homem que come só, dorme só, caminha só, incansável no domínio de si mesmo.

XXII - O Níraya(O inferno) (Nirayavaggo)

306 - Aquele que mente vai para o níraya, e o que, tendo agido, nega o ato. No futuro ambos participarão da mesma sorte. As obras dos homens acolhem-nos no além.

307 - Usando embora o hábito amarelo, se são libertinosos e instigadores do mal suas ações os levam ao níraya.

308 - Valeria mais engolir uma bola de ferro em brasa do que viver de esmolas quando se leva uma vida libertina.

309 - Quatro castigos aguardam o homem sem escrúpulos, que cobiça a mulher do próximo: infortúnio, sono agitado, reputação vergonhosa e o níraya.

310 - Há portanto a má reputação, o demérito, prazer breve e inquieto dos dois cúmplices e a punição severa da lei. Assim, que ninguém cobice o cônjuge do próximo.

311 - A erva kuxá corta a mão que inável a pega. Assim também leva ao níraya o ascetismo mal praticado.

312 - O dever cumprido com indiferença, o preceito seguido vacilantemente, tudo isto trará apenas parca recompensa.

313 - O que deverás cumprir, fá-lo com todo o ardor. Um falso peregrino na senda só faz espalhar o mal.

314 - Melhor é evitar a má ação: quem a comete arrepender-se-á. Melhor é uma boa ação; executada, nenhum arrependimento acarretará.

315 - Saiba guardar-te de ti mesmo, como a fortaleza bem guardada por dentro e por fora. Não abandones um só momento a defensiva. Os que de tal coisa se esquecem, por um minuto que seja, sofrem as penas do níraya.

316 - Alguns há que não se envergonham do escândalo, e escandalizam-se quando nada há de vergonhoso. Formar falsos juízos é entrar pelo mau caminho que leva ao níraya.

317 - Ter medo do que não é temível e não temer o que o é; formular tais juízos é enveredar por mau caminho que conduz ao níraya.

318 - Ver o mal onde não o há e não vê-lo onde existe; formular tais juízos é seguir a má estrada que leva ao níraya.

319 - Reconhecer o mal como mal, e o bem como bem, aderir à verdadeira Doutrina, é tomar o bom caminho que conduz ao nibbhana.

XXIII - O elefante (Nâgavaggo)

320 - Como o elefante de combate suporta a flecha disparada do arco, assim suportarei pacientemente as palavras ásperas dos malévolos que compõem o mundo.

321 - É conduzido à batalha o elefante domado. Monta-o o rajá. O melhor homem é o que se dominou, que é sereno e suporta em silêncio as injúrias.

322 - Excelentes são os mulos amestrados e os cavalos puro sangue de Sindh, e também os grandes elefantes de combate. Melhor ainda é o homem que a si mesmo domou.

323 - Não são tais montarias que te transportarão à região inexplorada mas, dominando-nos a nós mesmos, poderemos lá chegar.

324 - Difícil de governar na época do cio é o grande elefante chamado Dhanapâlako. Acorrentado, recusa o alimento. Ele se lembra, este grande elefante, da vida livre e agradável da floresta.

325 - Quem for preguiçoso, glutão, com a cabeça pesada pelo sono, como porto que se alimenta de detritos - este tolo conhecerá ainda inúmeros renascimentos.

326 - Por muito tempo, esta mente errou e vagabundeou, seguindo a inclinação do seu bel prazer, mas hoje eu, atento, dominarei como o domador retém o elefante enfurecido.

327 - Sede vigilantes, guardai com rigor a mente. Arrancai-vos da podridão do mal como o elefante sai do pântano.

328 - Se achardes para vos acompanhar companheiro prudente, sóbrio, sábio, equânime em todos os perigos, não deixeis de vos pôr a caminho com ele.

329 - Se não encontrardes nenhum companheiro prudente, sóbrio e sábio, então, como um rei deixa o seu reino conquistado por outro ou como o elefante na floresta, ide só pelo caminho.

330 - É preferível viver só. O ignorante não serve de companheiro. Ide então só na vida, sem fazer mal, com poucas necessidades, como o elefante errante através da selva.

331 - É bom ter às vezes um amigo certo. É bom ficar satisfeito com tudo o que acontece. É bom no fim da vida ter agido bem. É bom estar livre de todos os cuidados.

332 - É bom ser mãe. É bom ser pai. É bom possuir a santidade.

333 - É bom praticar a magnanimidade em todo o decurso da vida. É bom conservar a fé sólida. É bom adquirir sabedoria. É bom não praticar nenhum mal.

XXIV - A concupiscência (Tanhâvaggo)

334 - Em homem sem recolhimento e atenção, a concupiscência cresce como a rapidez da planta trepadeira do Máluva. Ele pula de existência em existência como o símio à cata de frutos na selva.

335 - Quem é dominado pela feroz e venenosa cobiça e pelo apego às coisas mundanas, vê seus males crescer e aumentar como a relva do Bírana depois da chuva.

336 - Mas quem domina essa miserável cobiça tão difícil de vencer, vê seus males cair como a gota dágua desliza da folha do lótus.

337 - A todos aqueles aqui reunidos eu dou este conselho salutar: “Extirpai a raiz da cobiça, como se arranca a relva do Bírana. não deixeis Mâra quebrar-vos como o junco pela correnteza do rio”.

338 - Tal a árvore podada deita ainda brotos, ficando intactas e salvas as raízes; assim o sofrimento volta ainda e sempre, enquanto em nós não extirparmos o desejo.

339 - Incapaz de resisitir com determinação às trinta e seis torrentes de paixões, o homem mal guiado, ávido de prazer, é arrebatado pela correnteza ilusória dos desejos.

340 - De todas as partes correm estas torrentes, e a planta trepadeira(da cobiça) se agarra e brota. Ao vê-la brotar, sêde bastante advertidos para cortá-la pela raiz, com o gládio da sabedoria.

341 - Deixando o espírito se demorar com delícia no meio das volúpias, os homens tornam-se vítimas do nascimento e da morte.

342 - Tontos de cobiça, correm os homens daqui para ali como lebres perseguidas pelo caçador. Agarrados e laçados pelo desejo e cobiça, ainda terão que suportar o sofrimento do ciclo dos renascimentos.

343 - Tontos de cobiça, correm os homens daqui para lá como lebres acossadas. Rejeita portanto o desejo e o apego, ó monge, tu que aspiras a te libertar das paixões.

345 - Aos olhos do sábio, não são feitas de ferro, madeira ou cânhamo as pesadas cadeias; são ainda mais fortes o desejo e a ardente cobiça por ouro, jóias e enfeites, como o apego aos filhos e às esposas.

346 - De certo, é forte grilhão, declara o sábio, e ele paralisa os homens e penoso é dele se livrar. Entretanto, cortam-no alguns, e escolhem a vida sem lar. abandonam o prazer e o desejo sem olhar para trás.

347 - Os que são obcecados pelos desejos seguem um caminho por eles mesmos criados, como a aranha a sua teia. O sábio passa de largo, renunciando sem aos desejos se voltar, e deixa atrás todos os cuidados.

348 - Liberta-te do passado, liberta-te do futuro, viva o presente para o compreender. Liberta assim a mente, não mais voltarás a entrar no nascimento, na decrepitude e na morte.

349 - O homem agitado pela dúvida, subjugado pelas paixões, só atento ao prazer, vê nele crescer a concupiscência, forja para si pesadas cadeias.

350 - O homem que se compraz na pacificação da mente, que reflete sobre as impurezas do corpo, removerá o sofrimento e cortará as cadeias de Mâra.

351 - Aproxima-se da grande Consumação sem temor, livre da cobiça, sem mancha, destruídos os espinhos da existência, e ser-lhe-á esta a última encarnação.

352 - Livre do desejo, desligado de tudo, hábil para compreender o Ensino, versado no sentido etimológico das palavras, tal se mostra ele na última encarnação; e chamam-lhe o Grande Homem, o Grande Sábio.

353 - “Eu sou aquele que tudo compreendeu e aprendeu; que nada polui ou embaraça, livre pela destruição das cobiças, tendo, só, penetrado tudo, a quem pois poderia chamar de meu mestre?”

354 - Sobre todos os dons, reina o dom da Doutrina. Acima de todos os odores, reina o odor da Doutrina. Acima de todas as delícias, reina a delícia da Doutrina. Acima de todo o sofrimento reina o término da cobiça.

355 - Aniquilam as riquezas o insensato, se ele não busca o que está além. Pela paixão por elas, o estúpido destrói aos outros como a si próprio, como se fora um inimigo.

356 - São as ervas daninhas a perda dos campos; a perda da nossa geração é a avidez e a luxúria. Por consequência, produz muitos frutos o dom da doutrina do desapego.

357 - São as ervas daninhas a perda dos campos; a perda da nossa geração é a ira e a raiva. Por consequência, produz muitos frutos o dom que do ódio nos liberta.

358 - São as ervas daninhas a perda dos campos; a perda da nossa geração é a ilusão e a ignorância. Por consequência, produz muitos frutos o dom que da ignorância nos liberta.

359 - São as ervas daninhas a perda dos campos; a perda da nossa geração é o desejo egoísta e o orgulho. Por consequência, produz muitos frutos o dom que do egoísmo nos liberta.

XXV - O Bhikkhu (O discípulo) (Bhikkhuvaggo)

360 - É bom saber refrear a vista. É bom regular o ouvido. É bom vigiar o olfato. É bom refrear o paladar.

361 - É bom vigiar a ação. É bom reprimir a palavra. É bom refrear a mente. Em todos os casos é boa a vigilância. Livre está de todo o sofrimento o discípulo que se controla de todos os modos.

362 - Merece chamar-se discípulo o homem que refreia os gestos, o andar, a língua, sente-se satisfeito, tranquilo, contente consigo.

363 - O discípulo, senhor de sua língua, sábio e comedido nos propósitos, não ancho de orgulho, que interpreta a Doutrina, esclarecendo-a, doces como mel são suas palavras.

364 - Observante da Doutrina, alegrando-se na Doutrina, meditando na Doutrina, expondo a Doutrina, assim o discípulo estará sempre nela firmemente fundado.

365 - Não deve o discípulo desdenhar nos próprios progressos(em sabedoria e virtude), nem olhar com inveja os de outrem. Não pode conseguir a concentração o discípulo que é invejoso.

366 - Mesmo que o progresso feito pelo discípulo não seja grande, que ele não desdenhe disso. Sendo sua vida pura e o labor constante, até dos deuses será louvado.

367 - Aquele que, de tudo o que compõe o corpo e a mente, não acha nada do que possa dizer "isto é meu", "isto sou eu", é que não se lamenta sobre o drama efêmero da vida, em verdade, ele se chama discípulo.

368 - O discípulo que age com bondade e se deleita no Ensino do Iluminado, atinge tal discípulo a paz do nibbâna, termo tranquilo e bem aventurado da existência composta.

369 - Deita fora o lastro, ò discípulo; uma vez aliviado, teu barco te levará sem esforço. Desembaraçado do desejo e da ira, entrarás no nibbâna.

370 - Suprime estes cinco grilhões: crença num eu distinto, dúvida, apego na eficácia dos ritos e cerimônias, luxúria, e raiva. Abandona estes outuros cinco: desejo da vida no mundo imaterial, desejo da vida no mundo da forma, sutil orgulho, agitação da mente e ignorância. Cultiva estes outros cinco: confiança, energia, plena atenção, concentração e sabedoria. O discípulo, assim quintuplamente libertado, é chamado oghatinna, isto é "aquele que atravessou a corrente".

371 - Sede vigilantes, ó discípulos. Nada negligencieis. Não deixeis a mente envolver em torno dos prazeres sensuais, isto equivaleria a, por negligência, engolirdes uma bola de ferro incandecente, gritando: "Que suplício!".

372 - Sem sabedoria não há meditação; sem meditação não há sabedoria. Está verdadeiramente perto do nibbâna aquele que medita e é sábio.

373 - Aquele que desmobiliou a casa(da vida), que se libertou dos apegos e aversões, o discípulo de mente tranquila, goza de alegria sobre-humana na clara visão da doutrina.

374 - Logo que com atenção concentrada ele vê como os elementos da existência nascem e desaparecem, goza da felicidade e da alegria pertencentes aos conhecedores do nibbâna.

375 - Eis as primeiras observâncias necessárias ao sábio discípulo: vigiar os sentidos, contentar-se com pouco, observar a disciplina requerida pela Doutrina, escolher por amigos seres nobres, sinceros e puros.

376 - Seja o discípulo hospitaleiro, afável e cortês; assim, na plenitude da alegria, terá posto término ao sofrimento.

377 - Como a vássikâ(jasmim) deixa cair as pétalas murchas, assim despoja-te da paixão e da ira, ó discípulo.

378 - Comedido em atos, comedido em palavras, calmo, plácido, livre de todo o apetite mundano, tal é o discípulo que se chama sossegado.

379 - Observa o teu ego e domina-o, ó discípulo; com o escudo da tua autoproteção e com a mente sempre vigilante, prosseguirás teu caminho até a suprema felicidade.

380 - Porque o eu é o seu próprio senhor, o eu é o seu próprio refúgio. Saibas, portanto, reprimir o ego como o mercador domina o impetuoso corcel.

381 - Repleto de alegria, arrebatado pela mensagem do Buda, atinge o discípulo o plácido nibbâna, o apaziguamento feliz e tranquilo da existência composta.

382 - Até um jovem discípulo consagrado à Doutrina do Sublime Desperto, ilumina este mundo como a lua ao emergir das nuvens.

XXVI - O Brâmane (Brâhmanavaggo)

383 - Detém a corrente, fazei esforço, desembaraça-te das concupiscências, ó brâmane! Chegado à destruição das existências compostas, conhecerás o nibbâna, o incomposto.

384 - Quando o brâmane abarcou os dois estados de pacificação e de visão interna, então conhece a Realidade e todos os grilhões caem.

385 - Aquele para quem não há subjetivo ou objetivo, o ser sem medo e sem entraves, chamo-lhe eu brâmane.

386 - Aquele que à meditação se devota, que está isento de desejo, do apego à vida, da ilusão. que é sem mácula, fez o que devia fazer, e atingiu a meta final, chamo-lhe eu brâmane.

387 - De dia arde o sol. De noite brilha a lua. Cintila em sua armadura o guerreiro. Luz o brâmane na meditação. Noite e dia sem cessar, resplandece o Buda.

388 - É brâmane o homem que corajosamente bane o mal. É discípulo aquele cuja conduta é disciplinada; e asceta é o que de suas impurezas se purgou.

389 - Que ao brâmane nenhum mal se lhe faça, e, atacado, o brâmane não revide. Desonra sobre quem agride um brâmane. Desonra sobre um brâmane que retorna à agressão.

390 - Nada de melhor há, para o brâmane, que o domínio da mente, das tendências e das paixões. Suprimida a tal intenção, a infelicidade é aplacada.

391 - Aquele que desconhece o mal em atos, palavras e pensamentos, ao homem que tem este tríplice domínio, chamo-lhe eu brâmane.

392 - A quem quer vos ensine a Doutrina do Buda Supremo, rendei-lhe homenagem e devoção como o brâmane diante da chama sagrada.

393 - Não são os cabeços trançados, a casta, o nascimento que fazem o brâmane. Em quem a verdade, a retidão e a piedade residem, este é verdadeiro brâmane.

394 - Que importam os cabelos trançados, ó homem ignorante! Que importam as peles de cabra de que te cobres? Ocultas uma selva no coração, só tens da amenidade a aparência.

395 - Ao homem esfarrapado, emaciado, cujos músculos são salientes, e que, solitário, medita na floresta, a este chamo-lhe eu brâmane.

396 - Não chamo porém brâmane ao, nato embora de tronco bramânico, é orgulhoso e arrogante. Ao que nada possui, que é puro, e a nada se apega, chamo-lhe eu brâmane.

397 - O que todos os ligamentos rompeu, e diante de nada mais treme, desapegado e liberto de todos os liames, chamo-lhe eu brâmane.

398 - Quem de pouco em pouco cortou a correia(do ódio e da raiva), a venda(do apego) e a corda(do ceticismo). que afastou os obstáculos(da ilusão e da ignorância), que é iluminado, chamo-lhe eu brâmane.

399 - Aquele que, sem ressentimentos, sofre as injúrias, os golpes e as cadeias, e da paciência fez seu vigoroso escudo, chamo-lhe eu brâmane.

400 - Ao que da cólera se livrou, seus votos observa, virtuoso, sem apetites, e está na última encarnação terrena, lhe chamo eu brâmane.

401 - O que aos prazeres sensuais não mais se apega do que às pétalas do lótus a fota dágua, ou à ponta da agulha o grão de mostarda, a este eu lhe chamo eu brâmane.

402 - Ao que nesta vida realizou a cessação do sofrimento e não mais ter fardo ou jugo kármico, estando completamente liberto, lhe chamo eu brâmane.

403 - Ao sábio de profunda sabedoria, conhecedor do bom e do mau caminho, tendo atingido o Objetivo Supremo, chamo-lhe eu brâmane.

404 - Ao que não busca a companhia dos leigos, nem do falso monge e que é sem lar e tem poucas necessidades, lhe chamo eu brâmane.

405 - Ao que a nenhuma criatura fraca ou forte faz mal; e não comete ou faz cometer crimes contra os seres vivos, lhe chamo eu brâmane.

406 - Tolerante com os intolerantes, entre os violentos, manso; entre os interesseiros, desinteressado; tal é a quem eu chamo brâmane.

407 - Ao que da luxúria e da ira, do orgulho e da inveja se desprendeu, como da ponta da agulha o grão de mostarda, lhe chamo eu brâmane.

408 - Aquele cuja boca só boas palavras instrutivas e verdadeiras profere, e a ninguém no mundo causa dano, lhe chamo eu brâmane.

409 - Aquele que nada toma que não se lhe dê, seja grande ou pequeno, curto ou longo, bom ou mal, lhe chamo eu brâmane.

410 - Aquele que não aspira mais a desejos deste mundo ou de outro e não mais apego ou jugo tem, lhe chamo eu brâmane.

411 - Ao que não mais tem desejos ou apegos, em quem a perfeição do conhecimento afastou todas as incertezas e que à condição do nibbâna imortal atingiu, a este lhe chamo eu brâmane.

412 - Ao liberto dos dois entraves, o do bem e do mal, e que está livre de tormento, de mácula e de impureza, lhe chamo eu brâmane.

413 - Aquele que, tal a lua, é puro, claro e sereno, que destruiu os grilhões que nos prendem à roda das existências, lhe chamo eu brâmane.

414 - Ao que ultrapassou a ilusão, esta senda lamacenta, esta rota espinhosa do ciclo das vidas e das mortes, aquele que atravessou e passou parra a outra margem; que é meditativo, sem desejo, sem incerteza, desapegado, plácido, lhe chamo eu brâmane.

415 - Ao que abandonou toda a luxúria, e se voltou à vida errante, cuja sede de existência está extinta, lhe chamo eu brâmane.

416 - Aquele que deixou toda cobiça e se voltou à vida errante e suprimiu em si todos os desejos e a sede do vir a ser, lhe chamo eu brâmane.

417 - Aquele que, deixado o jugo terrestre, rejeitou o laço celeste e livrou-se de todos os jugos, lhe chamo eu brâmane.

418 - Aquele que acabou com o prazer e o desprazer, e chegou ao Sublime Equilíbrio, desatado da luxúria e das impurezas do espírito, este herói vitorioso de todos os mundos, lhe chamo eu brâmane.

419 - Aquele que conhece a destruição e a volta de todos os seres, o homem livre, de tudo desapegado, o desperto(buddha), que chegou ao fim da jornada, lhe chamo eu brâmane.

420 - Aquele cuja via não é conhecida dos deuses, dos anjos e dos mortais, que não mais tem desejos ou apego à vida, ou ilusão, a este homem venerável (árhant), lhe chamo eu brâmane.

421 - Aquele para quem não mais há passado, futuro ou presente, que de todo condicionamento se esvaziou e a nada no mundo tem apego, a este lhe chamo eu brâmane.

422 - O Nobre por excelência, o Herói, o Sábio onisciente, o Vitorioso, o Impassível, o Ser de todo realizado, o Desperto Supremo, a este lhe chamo eu brâmane.

423 - Aquele que conhece as vidas precedentes, aquele que vê as mansões celestes e os nírayas, aquele que chegou ao término dos nascimentos, aquele que obteve a clarividência, o Supremo, o Sábio de perfeito saber, o Realizado em todas as realizações, em verdade lhe chamo eu brâmane.